

## **A OCUPAÇÃO GUARANI NA CALHA DO ALTO PARANÁ: DADOS PRELIMINARES PARA FUTURAS INTERPRETAÇÕES**

## **THE OCCUPATION GUARANI IN THE GUTTER OF HIGH PARANÁ: PRELIMINARY DATA FOR FUTURE INTERPRETATIONS**

**ROBSON ANTONIO RODRIGUES**

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Pós-Graduação em Arqueologia, Doutorado.

### **RESUMO**

Em áreas banhadas pela calha do Alto Paraná, recentes pesquisas arqueológicas evidenciaram a presença de numerosos contingentes humanos. No predomínio dos sedimentos da bacia do Paraná, o relevo torna-se mais suave e colinar. Associados às florestas ciliares, próximas às margens dos rios principais, constata-se uma variação de evidências arqueológicas ligadas à população Guarani. Novos aspectos dessa ocupação territorial foram observados, principalmente quanto à diversidade dos padrões. Verifica-se que os laços de parentesco estão ligados à ocupação espacial, sendo que as melhores terras são associadas às aldeias mais extensas. As datações apontam para uma ocupação que se inicia por volta dos séculos V e VI.

**PALAVRAS - CHAVE:** População Guarani; Alto Paraná; Etnoarqueologia; Padrões de Ocupação.

### **ABSTRACT**

In areas taken a bath by the gutter of High Paraná, recent archaeological researches evidenced the presence of numerous human contingents. In the prevalence of the sediments of the basin of Paraná, the relief becomes softer and hill. Associated to the ciliary forests, close to the margins of the main rivers, a variation of linked archaeological evidences is verified the population Guarani. New aspects of that territorial occupation were observed, mainly with relationship to the diversity of the patterns. It is verified that the relationship bows are linked to the space occupation, and the best lands are associated to the most extensive villages. The dates appear for an occupation that begins about the centuries V and VI.

**WORDS - KEY:** Population Guarani; High Paraná; Ethnoarqaeology; Patterns of Occupation.

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Entender a vida e o cotidiano dos nossos antepassados sempre foi uma curiosidade e uma preocupação vivenciada pelos seres humanos em diferentes tempos históricos.

É desta curiosidade e preocupação que se originou a ciência arqueológica. Como bem escreveu Funari, a Arqueologia se apresenta como

o estudo da totalidade material apropriada pelas sociedades humanas, como parte de uma cultura total, material e imaterial, sem limitações de caráter cronológico. (...) Visa, portanto, a compreensão do funcionamento e transformação dessas sociedades na busca de correlações entre o homem e a natureza por meio de uma abordagem interdisciplinar para explicar a complexidade de seu objeto de estudo (Funari, 1988:11).

Funari (1988) argumenta ainda que a Arqueologia não basta a si mesma. Na medida que seus objetos se referem às sociedades humanas, esta ciência compartilha com outras ciências sociais e naturais a necessidade de uma abordagem interdisciplinar para explicar a complexidade do seu objeto de estudo.

Essa interdisciplinaridade é ampliada na medida em que se observa a importância da troca de dados entre as áreas do conhecimento para possibilitar um enfoque único na reconstituição da vida humana, como um todo e o entendimento das relações com o seu meio, buscando visualizar as peculiaridades dos diferentes agrupamentos humanos estudados.

A vocação interdisciplinar que a Arqueologia possui, na visão de Prous (1999), é fruto de sua necessidade de entendimento das adaptações do desenvolvimento, do funcionamento e das representações simbólicas das sociedades humanas. E, para alcançar seus objetivos, deve

lançar mão de recursos desenvolvidos por outras disciplinas, tanto nas áreas das ciências da terra, quanto das ciências da vida e, até, das ciências ditas exatas. Desta forma, o arqueólogo, além da própria especialidade (capacidade de estudar os sítios e os vestígios da cultura material), deve trabalhar com numerosos especialistas de outras áreas, tendo de dispor de conhecimentos gerais suficientes para dialogar com pesquisadores normalmente pouco acostumados a lidar com a problemática das ciências do homem (Prous, 1999:21).

Particularmente, a Arqueologia se associa às Ciências Humanas e Sociais, como à Etnologia e à História para construir um arcabouço do conhecimento na compreensão do complexo cultural em que a humanidade está inserida, fazendo um recorte histórico por meio da análise e interpretação dos testemunhos materiais da cultura encontrados nos diferentes estratos do solo terrestre. Testemunhos que vivificam um período em que o ser humano conviveu com seu ambiente e construiu relações com a sua cultura, interagindo diretamente para a manutenção e aprimoramento de sua existência.

Enquanto ciência a Arqueologia é, antes de tudo, uma forma de olhar o passado das populações humanas e esse olhar *"é um reflexo ou produto de seu próprio tempo (...) como resultado da natureza dinâmica que a disciplina possui"* (Robrahn-González, 2000:11).

---

<sup>1</sup> As informações deste artigo foram organizadas a partir da dissertação de mestrado do autor, intitulada "Cenários da ocupação Guarani na calha do alto Paraná: um estudo etnoarqueológico" (2001) defendida no Museu de Arqueologia e etnologia da Universidade de São Paulo.

Nesse momento, o que podemos considerar é que o território brasileiro tem fornecido um extenso leque de diversidade cultural a partir de variados sistemas sócio-políticos; uma vasta rede de comunidades inter-relacionadas com um conjunto lingüístico e demográfico de grande heterogeneidade.

Muitos são os relatos de cronistas quinhentistas e seiscentistas que descrevem hábitos e costumes da nova gente. E, a partir desses relatos, bem como de interpretações posteriores feitas por antropólogos, historiadores, arqueólogos entre outros, é possível reconstruir aspectos sociais e culturais que se perderam ao longo da conquista e da destruição étnica implementada por parte dos europeus, buscando assim uma visualização do modo de ser indígena. O que se observa, portanto, é que pesquisas desenvolvidas com base em documentação histórica e arqueológica mostraram que o contato representou uma catástrofe para as populações ameríndias, provocando grande redução populacional.

Nesse contexto, pode-se observar que na área banhada pela calha do Alto Paraná os grupos pré-coloniais transitaram de forma significativa, tendo como fator de orientação o curso dos rios em suas migrações pelo interior do continente, encontraram na região uma malha hidrográfica em condições estratégicas com conexões em todas as direções do continente. Aliado a esse ponto de junção de caminhos naturais, um complexo e extenso ecossistema tropical oferecia aos grupos humanos condições plenas para o desenvolvimento de sua cultura, evidenciando, assim, a configuração de um ecossistema complexo que tem abastecido com plenitude as necessidades econômicas das diversas experiências humanas que se reproduziram nesta região (Martins, 1992).

## **PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NA CALHA DO ALTO PARANÁ**

Entre os Estados do Mato Grosso do Sul e São Paulo, encontra-se instalada a Usina Hidrelétrica de Porto Primavera (UHEPP), atual Sérgio Motta, que inundou, com a formação de seu reservatório, extensos terraços fluviais a ele associados. A área geográfica pesquisada está inserida no Planalto Meridional brasileiro, região oeste do Estado de São Paulo, e sul do Mato Grosso do Sul, às margens da calha do Alto Paraná, sendo delimitada mais especificadamente pela formação do lago (área de inundação) desta usina Hidrelétrica. Segundo Martins et Kashimoto [s.d.] esta região é conhecida pelo seu alto potencial hidrelétrico. Isto se deve ao perfil encaixado dos cursos fluviais integrantes da paisagem e às diversas corredeiras e quedas d'água neles existentes.

Apresenta como coordenadas geográficas 22°24'00"S / 52°58'00"W a 20°47'27"S / 51°37'58"W, referentes à cerca de 220km de extensão fluvial, na direção Sudeste-Noroeste, inundadas com a conclusão das obras da UHEPP (Kashimoto, 1997).

Compreende, portanto, uma área formada entre as barragens da Usina Hidrelétrica de Porto Primavera e a Usina Hidrelétrica de Jupia, em um total estimado de 2.253km<sup>2</sup> sendo 1.535km<sup>2</sup> abrangendo a margem direita, Estado do Mato Grosso do Sul e 718km<sup>2</sup>, a margem esquerda, Estado de São Paulo (Martins et Kashimoto, 1995).

Conforme observações de Kashimoto (1997) o rio Paraná compõe um eixo no sentido norte-sul de relevância continental. Esse fato é tratado com especial interesse pela Arqueologia dadas às possibilidades de análise devido às suas características culturais e seu papel como via de ligação longitudinal. Em seu trecho superior, antes da construção dos reservatórios da UHE Jupia, Itaipu e Porto Primavera, o rio possuía um nível de base regional, representado pela superfície do Guaíra, que comandava o escoamento hídrico e a Geomorfologia da área até Três Lagoas. Nesse sentido, visando contextualizar a área abrangida pela UHEPP, esse segmento Três Lagoas/Guaíra foi denominado Alto Paraná (Kashimoto, 1997).

Em sua extensão, a área integra parte dos municípios sul-matogrossenses de Bataiporã, Anaurilândia, Bataguçu, Santa Rita do Pardo, Brasilândia e Três Lagoas; e na margem paulista, os municípios de Teodoro Sampaio, Presidente Epitácio, Caiuá, Panorama, Paulicéia e Castilho.

A configuração ambiental dessa região, segundo Martins et Kashimoto [s.d.], "*não era homogênea. Nas margens dos grandes cursos predominava uma expansiva mata de galeria, enquanto que nos interflúvios a cobertura vegetal expressava-se através de extratos não arbóreos típicos das savanas do Centro-Oeste brasileiro, o cerrado*".

Em consequência desse alagamento e visando ao salvamento arqueológico na área afetada, trabalhos de Arqueologia foram iniciados em 1991, em decorrência do convênio CESP/USP, sendo incrementados, posteriormente, a partir de 1993, com o Projeto Arqueológico Porto Primavera-MS (PAPPMS), em desenvolvimento a partir de contratos CESP/FAPEC/UFMS e o Projeto Arqueológico Porto Primavera-SP (PAPPSP), em desenvolvimento a partir de contratos CESP/FUNDACTE/FCT-UNESP (Kashimoto, 1997).

Porém, um dos primeiros sítios arqueológicos a ser escavado na área foi o "sítio arqueológico Lagoa São Paulo" entre os anos de 1982 e 1983 (Pallestrini, 1984), período anterior aos contratos firmados com a CESP para as pesquisas sistemáticas que envolvessem a área de inundação, porém, já caracterizada como arqueologia de salvamento.

O sítio Lagoa São Paulo foi localizado em um terraço da margem esquerda do ribeirão Bandeirantes, tributário da bacia de recepção da lagoa homônima, comunicando-se com o eixo principal de drenagem do rio Paraná, no município de Presidente Epitácio-SP (Pallestrini, 1984).

Neste sítio, escavado por Luciana Pallestrini e equipe, detectou-se um nível cerâmico entre 10 a 45cm de profundidade, do qual encontram-se registrados 13 vestígios de cabanas, numa área de 250 x 200m e 7 fogueiras relacionadas à confecção cerâmica e um nível lítico entre a profundidade de 80 à 110cm, com raspadores de vários tipos e retoque fino nos bordos, além de núcleos e lascas. Este nível (pré-cerâmico) foi datado de 2500+-70 pelo C<sub>14</sub> (Kashimoto, 1997).

Nesse mesmo período, inicia-se também o projeto arqueológico Décima Região, coordenado pela arqueóloga Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ruth Künzli, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp, Campus de Presidente Prudente-SP, que passa a ter maior autonomia em relação ao Projeto Paranapanema<sup>2</sup>, que vem desenvolvendo pesquisas na região desde 1968 (Künzli, 1987).

A área geográfica apresentada, como é pouco conhecida quanto ao seu conteúdo arqueológico, motivou pesquisas de caráter exploratório abordando inserções dos sítios na paisagem, especialmente delimitada pela cota de inundação da UHEPP.

Considerando-se que o PAPPMS e o PAPPSP encontram-se em desenvolvimento, abrangendo ambos as margens do rio Paraná, volumosos dados serão conjugados aos já existentes, ampliando seu alcance interpretativo.

Com os trabalhos de campo ligados aos projetos PAPPMS e PAPPSP foram registrados e mapeados 97 sítios arqueológicos na margem esquerda (SP), sendo 63 cerâmicos ou lito-cerâmicos e na margem direita (MS), 118 sítios arqueológicos, sendo 57 cerâmicos ou lito-cerâmicos, além de uma centena de ocorrências arqueológicas.

---

<sup>2</sup> Coordenado inicialmente por Luciana Pallestrini e atualmente por José L. de Moraes, o Projeto Paranapanema elaborou um planejamento arqueológico interdisciplinar em grande escala, visando à cobertura global e específica de sítios arqueológicos situados na área de drenagem do rio Paranapanema, em território paulista.

É importante ressaltar que o PAPPMS já tem localizadas ocupações de grupos ceramistas da tradição Tupiguarani datadas entre 239+-10 a 1493+-100 anos A.P. (Termoluminescência e  $C_{14}$ ) (Kashimoto, 1997).

Essas ocupações têm configurações típicas de grandes aldeias em terraços estruturais, alçados em mais de 20m sobre o rio Paraná, que se localizam, com destaque, em sua margem esquerda - Estado de São Paulo (Kashimoto, 1997).

## **PROBLEMÁTICA OCUPACIONAL DOS GRUPOS CERAMISTAS**

A ocupação de áreas no Estado de São Paulo por grupos ceramistas pré-coloniais ainda é uma incógnita, já que o conhecimento atual, mesmo com as diversas pesquisas em curso, é ainda bastante incompleto e localizado.

Tal motivo é apontado por Robrahn-González [s.d.], em parte, pelo fato de se contar com grandes extensões territoriais praticamente desconhecidas e por outro lado, mesmo nas regiões em que têm sido realizados estudos prolongados, o número de sítios identificados varia de acordo com a própria natureza, objetivos e alcances das pesquisas desenvolvidas, além de apresentarem consideráveis variações que não foram ainda sistematicamente exploradas.

Para o Estado, estudos arqueológicos têm definido, até o momento, três grandes unidades classificatórias, estabelecidas como tradições: a tradição Tupiguarani, a tradição Itararé e a tradição Aratu/Sapucaí.

A tradição Tupiguarani é considerada, a partir de uma cronologia de ocorrências, a que aglutina os grupos ceramistas mais antigos. Esta tradição é subdividida em Guarani e Tupinambá. Boa parte do território paulista é ocupada por vestígios arqueológicos deste grupo.

Relacionada com populações do tronco lingüístico Jê, mais especificamente os Kaingang, a tradição Itararé, mais concentrada no Estado, está presente na região Centro-Sul, com uma aglutinação de sítios no vale do Ribeira de Iguape e vale do Itararé, no alto Paranapanema. Estudos apontam para uma ocupação por volta do século X. Uma terceira tradição, Aratu/Sapucaí, localiza-se no extremo norte do Estado, com datações apontando para uma ocupação por volta do século XVI (Robrahn-González, s.d.).

A grande diversidade de contextos ambientais a que estes grupos ceramistas se associam, além da própria amplitude temporal e espacial de seus assentamentos, leva a uma matriz cultural bem mais complexa. “(...) *Longe de constituir uma unidade, ao contrário, fornecem importantes indícios de especificidades locais e regionais*” (Robrahn-González, s.d:04).

Mesmo não se originando no Estado estas unidades de classificação arqueológicas estão sendo apontadas, por pesquisas em curso, como elementos centrais para identificar o território paulista, numa região que se caracteriza por limites fronteiriços entre diferentes populações ameríndias. Nesse sentido, o vale do Paranapanema é apontado como um referencial estratégico para se pensar essa questão.

Duas são as principais tradições a ocuparem o vale: a Tradição Tupiguarani (com suas subdivisões) e a tradição Itararé. Ao longo do Paranapanema e seus afluentes prevalece o Tupiguarani, apontando para um domínio territorial deste grupo. A tradição Itararé concentra-se no alto Paranapanema, nas imediações do vale de um afluente homônimo (Robrahn-González, 2000).

Por fim, o que se percebe é que parece haver, segundo Araújo (1995), um limite ecológico/cultural bem delimitado entre a tradição Itararé (grupo cultural Kaingang) e a tradição Tupiguarani (principalmente o grupo Guarani); tal limite se daria na altura da cidade de Itapeva. Ao norte da mesma, no domínio dos sedimentos da Bacia do Paraná,

o relevo torna-se mais suave e colinar e várias são as evidências arqueológicas ligadas às populações Tupi-Guaranis, quer na forma de sítios arqueológicos, quer de urnas funerárias. Ao sul cessam todas as manifestações deste grupo e há a presença única de sítios cerâmicos ligados às populações Jês.

Neste contexto, aguarda-se que novas pesquisas arqueológicas venham a ser implementadas e auxiliem no esclarecimento de questões referentes à ocupação, por parte destas populações, no cenário do Estado de São Paulo, principalmente quanto à relação e/ou domínio de territórios entre Kaingang e Guarani.

## **ASPECTOS PRESENTES NOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS**

Pesquisas arqueológicas realizadas no entorno da área enfocada puderam mapear o universo arqueológico presente, ressaltando os estudos já realizados tanto no Vale do rio Paranapanema como no próprio rio Paraná.

De maneira geral, os sítios arqueológicos já localizados com as pesquisas em andamento, caracterizam-se como sítios cerâmicos e lito-cerâmicos a céu aberto. Dados os aspectos espaciais intra-sítio é observado que estes sofreram as mais variadas ações por processos naturais e antrópicos, em muitos casos, tendo sido severamente transformados. Numa perspectiva mais ampla, esses tipos de sítios arqueológicos são considerados, a partir de suas evidências, como habitacionais.

O sítio habitação é definido por Robrahn-González (1989) como um lugar fixo na topografia onde seus ocupantes desenvolvem um conjunto de atividades refletindo suas necessidades domésticas de moradia, alimentação, estocagem e a fabricação de instrumentos, entre outras.

Para a autora citada, o pressuposto básico desses tipos de sítios arqueológicos diz respeito ao fato destes estarem localizados no espaço segundo estratégias de subsistência, ou ainda, de forma a possibilitar o acesso facilitado a recursos básicos para a sustentação do grupo.

Vale destacar nesse momento que a idéia central de uma investigação arqueológica considera que a base para tanto não é mais representada por culturas arqueológicas, mas sim por atores sociais, em que os dados empíricos da análise intra-sítio não são considerados como um fim em si mesmo. Nesse sentido, o espaço de um assentamento não pode ser tratado de forma homogênea, já que a variação do repositório material não representa apenas áreas de atividades específicas, mas informa também sobre diferenças entre unidades residenciais que apontam para a visualização de possíveis hierarquias internas (Wüst et Carvalho, 1996).

Nessa análise os elementos materiais da cultura são tomados não apenas como um indicador para aspectos materiais da cultura, mas como vetor e fator das relações e das hierarquias e de suas implicações para a manutenção e transformação de um sistema sócio-cultural.

Além dos tipos de sítios arqueológicos já apontados são também identificados sítios oficina, onde se desenvolveu de forma intensiva a atividade de lascamento lítico.

## **OS VESTÍGIOS MATERIAIS**

Dentre os diferentes dados arqueológicos levantados, um dos principais apontados para auxiliar na análise dos sítios arqueológicos em questão é a cerâmica.

A cerâmica encontrada na região da calha do Alto Paraná, de maneira geral, pode ser considerada semelhante às encontradas no Paranapanema<sup>3</sup>, sendo associadas a grupos étnicos Guaranis.

Segundo Noelli (2000), os elementos cerâmicos

apresentam dados que mostram a continuidade entre os Guaranis históricos e os registros arqueológicos de seus ascendentes, ressaltando-se a uniformidade lingüística e sua clara relação com a cultura material. (...) A cerâmica Guaraní possui características materiais constantes e variáveis formais estabelecidas dentro de um padrão estilístico rigidamente normatizado, submetido a regras tecnológicas reproduzidas na longa duração (Noelli, 2000:256).

Além da cerâmica, outras características podem ser apontadas entre as categorias de vestígios associados a estas populações ceramistas e que podem ser encontradas na região em que ocorreu a localização dos sítios aqui retratados: artefatos de pedra polida como machados, enterramento em urnas, solos antropogênicos<sup>4</sup>, adornos como tembetás e contas de colares, cachimbos, etc.

Muitos outros elementos naturais como as madeiras e as fibras vegetais, ossos de animais, penas de aves, etc., foram utilizados como matéria-prima, porém, como as populações Guaranis se instalavam em zonas de florestas tropicais e subtropicais, estes materiais não resistiram às variações de calor e umidade, acidez do solo e mesmo a ação de insetos, próprios destes ambientes. Comenta Noelli et Dias (1995) que

a maioria dos objetos pré-históricos Guaranis era confeccionada com matérias-primas perecíveis e sua existência só pode ser inferida indiretamente, através da pesquisa arqueológica. Parte significativa daqueles objetos, inclusive os mais delicados, podia ser elaborada a partir do emprego de um variado conjunto de ferramentas de pedra, osso, concha, madeira e cerâmica (Noelli et Dias, 1995:07).

Esses elementos, segundo Morais (2000), são traços diagnósticos importantes para a compreensão do registro arqueológico das aldeias Guaranis.

Os resultados das análises e as datações de amostras de fragmentos cerâmicos apresentados por Martins et Kashimoto [s.d.] concluíram que a grande maioria dos sítios cerâmicos localizados na região refere-se a assentamentos de indígenas Guaranis pré-coloniais. Para estes autores, além das características decorativas dos fragmentos cerâmicos, que obedecem aos padrões clássicos da cerâmica arqueológica Guaraní, outros vestígios arqueológicos, tais como tembetás, lâminas de machados de pedra polida, estruturas de sepultamento e a extensão espacial dos sítios auxiliam na afirmação da ocupação Guaraní.

Na opinião de Kern (1994), os fragmentos cerâmicos são importantes evidências para o arqueólogo, pois, além de serem resistentes ao desgaste do tempo apresentam um volume considerável de informações. Alerta, porém, este autor que *"representam uma armadilha se são vistos como únicos e ignorados o restante dos elementos da cultura"* (Kern, 1994:119).

---

<sup>3</sup> Morais (2000) define em seu artigo "Arqueologia da Região Sudeste", editado na revista USP, a área do Paranapanema como sendo um integrante do Sistema Regional Guaraní.

<sup>4</sup> Um indicador importante para diagnosticar a ocupação Guaraní na área em estudo, diz respeito aos solos antropogênicos. Conhecidos também como manchas de terra preta *"correspondem aos remanescentes de cada solo de habitação"* (Morais, 2000:207).

Observa Robrahn-González (1989) que apesar das evidências materiais nos sítios a céu aberto não serem muitas, restringindo-se aos elementos passíveis de conservação, elas correspondem em certa medida a alguns requisitos importantes. Estes elementos encontrados no sítio se configuram por uma cerâmica basicamente utilitária, com vasilhames de diferentes tamanhos e formas, ainda, artefatos líticos variados, bem como remanescentes de sua fabricação, além de artefatos polidos em alguns outros sítios. Entretanto esta diversidade de vestígios não é encontrado em todos os sítios a céu aberto.

Com relação aos artefatos de pedra polida trata-se, geralmente, de instrumentos normalmente relacionados ao cultivo e processamento de alimentos vegetais, o que corrobora com a idéia de área de subsistência para sustentação do agrupamento humano.

Nesse contexto, seguindo o pensamento de Robrahn-González (1989), o que se observa é que a associação de material cerâmico e polido a práticas agrícolas é bastante comum, sendo largamente atestada na Arqueologia brasileira. Certamente a ocorrência de recipientes que possibilitam não apenas o cozimento de cereais, mas também sua estocagem, além da presença de instrumentos tradicionalmente associados ao beneficiamento de grãos, permite iniciar uma discussão sobre a questão.

Para esta autora, é de se esperar uma correspondência entre os vestígios materiais encontrados nos sítios e as atividades desenvolvidas em sua ocupação. Porém a relação cerâmica/agricultura merece maior cautela. Faz-se necessário lançar mão de estudos mais amplos, referentes à forma de apropriação do espaço e possibilidades de seu aproveitamento (Robrahn-González, 1989).

As variações entre os sítios a céu aberto, na opinião de Robrahn-González (1989), refletem uma possível hierarquia social de seus ocupantes; fato também sugerido pelas variações morfológicas dos sepultamentos encontrados nos sítios.

As informações utilizadas serão aquelas que partem do elemento cerâmico, já que este constitui o principal vestígio material, por ser um dos mais resistentes. Portanto, a cerâmica passa a ocupar um lugar de destaque na análise, pois, na opinião de Robrahn-González (1996), o vasilhame cerâmico enquanto artefato passa a ser a unidade básica de estudo arqueológico.

De acordo com Kern (1994) que a cerâmica é uma importante evidência nos sítios arqueológicos Guaranis, pois

esses recipientes cerâmicos e seus fragmentos sobrevivem em meio ambiente onde outros elementos da cultura material, muito mais abundantes, desaparecem sem deixar vestígios, tais como artefatos de madeira. Evidenciam não apenas a intensa atividade das artesãs índias, mas também uma tipologia variada mostrando uso muito diversificado, assim como uma arte decorativa de rara beleza e confecção (Kern, 1994:119).

Enquanto evidência e unidade básica o artefato cerâmico não mais será visto como uma cultura arqueológica, mas sim como comunidades locais representadas por sítios individualizados. Procedimento imprescindível para abordar questões relativas à dinâmica sócio-política de populações.

Nessa visão o vasilhame cerâmico enquanto artefato é o vetor de informações que conduz principalmente às atividades cotidianas, mas cujo conteúdo sociológico permite discutir sobre esferas não materiais da cultura. Assim, é a cerâmica que fornece os elementos indicadores das variações entre os sítios que são representados na forma de uma distribuição diferenciada do material, seja qualitativa ou quantitativamente, numa busca de identificação de diferenças que, eventualmente, fossem indicadores de

variações culturais no sistema sócio-cultural do agrupamento humano estudado (Robrahn-González, 1989).

Por fim, esta cerâmica, encontrada de forma mais concentrada em toda região implica em uma maior homogeneidade de traços culturais, remetendo-nos a um contexto de ocupação notadamente diverso (Robrahn-González, s.d.).

Na calha do Alto Paraná grande parte das aldeias localizavam-se nos terraços fluviais, os quais definem o panorama geomorfológico da região. Tais aldeias encontravam-se esparsas, a pequena distância umas das outras.

Com os trabalhos arqueológicos desenvolvidos na região novos aspectos estão sendo visualizados, principalmente quanto à diversidade de padrões de ocupação Guarani. É possível notar que os laços de parentesco estão ligados à ocupação espacial, sendo que as melhores terras estão associadas às aldeias mais extensas. Um detalhe que marca a ocupação das populações Guarani se dá pela forma como as mesmas utilizaram as condições ecológicas disponíveis.

Verifica-se que estes grupos nunca se interessaram em progredir nas regiões secas como o cerrado; também não se adaptaram às terras frias, evitando as regiões acidentadas ou muito altas. Em compensação, sempre são encontrados vestígios materiais destes povos a certas distâncias dos rios navegáveis, em zonas da mata pluvial litorânea, tropical ou subtropical, nos grandes vales meridionais ou nas zonas do Centro-Sul, ou ainda nas matas ciliares (Prous, 1992).

A idéia de ocupação de ambientes específicos é sustentada, também, por Kern (1994) ao afirmar que há um padrão de instalação das aldeias na paisagem oriundo da região amazônica. Os Guaranis buscam os vales quentes e úmidos, próprios das florestas tropicais e subtropicais, subindo os vales dos rios que percorrem as encostas do planalto sul-brasileiro até altitudes não superiores a 700 metros, enquanto predominam as condições de calor e umidade.

Os verões frescos e os invernos frios do planalto não atraíram os Guaranis. O clima não era favorável ao plantio das espécies vegetais dos trópicos. Mais para o norte, os vales dos rios Iguazu e Paranapanema eram quentes e úmidos e serviram de caminho para extensas penetrações que levaram os horticultores Guaranis através do planalto, de oeste para leste (Kern, 1994:106).

Essa exigência por parte dos Guaranis atendia às suas necessidades constantes de terras férteis em virtude do tipo de cultivo utilizado. A busca do local para a instalação da aldeia, em clareiras no meio da floresta subtropical, além de uma visão estratégica, visava também o abastecimento de água e a possibilidade da complementação da subsistência por meio da pesca, caça e várzeas férteis dos rios. (Scatamacchia et Moscoso, 1989; Kern, 1994).

Nesse sentido, a cultura Guarani se assentava em um complexo econômico baseado na caça, pesca, coleta e, sobretudo, numa agricultura de floresta<sup>5</sup>. Plantava-se mandioca que era utilizada em larga escala por toda população, principalmente como farinha e era consumida com peixe ou caça moqueada, na produção de bebidas alcoólicas (cauim) ou em forma de beiju; além de várias qualidades de milho, feijão, batata, cará, amendoim, abóbora, banana, abacaxi, tabaco, algodão, pimenta entre outros. Também se serviam do sal que era produzido principalmente das cinzas ou do mar (Brochado, 1989; Maestri, 1994).

---

<sup>5</sup> Sobre os aspectos alimentares dos Guaranis, Francisco Noelli (1993) realizou um amplo levantamento em sua dissertação de mestrado.

Existia uma distinção entre as roças de cada família, já que os principais líderes tinham condição de obter ajuda de vários homens para trabalhar em suas plantações, em um sistema de manejo agroflorestal.

O manejo era feito no interior do Teko'a, o território de domínio de cada assentamento, entrecortado por trilhas que interligavam as aldeias e estas às roças, áreas de coleta, pesqueiros, áreas de caça, etc. Uma vez que as aldeias formavam conjuntos unidos politicamente por meio de alianças regionais, além dos laços de parentesco, havia um sistema de trocas de mudas e sementes como ocorre entre vários povos com o mesmo tipo de sistema agroflorestal, garantindo a disseminação de espécies entre os teko'a (Noelli, 2000:249).

Tais roças eram desmatadas coletivamente, mas em seguida trabalhadas por cada um; encontravam-se a duas ou três léguas da aldeia e o processo era a coivara. A produção de bens materiais realizava-se no contexto de uma divisão sexual e etária do trabalho. Os homens responsabilizavam-se pela caça e pelo preparo dos campos para as plantações; as mulheres pelas restantes atividades agrícolas e também as ceramistas. Com o deslocamento para outras áreas as roças abandonadas eram reaproveitadas durante anos já que continuavam fornecendo produtos cultivados e atraindo a caça (Prous, 1992; Maestri, 1994).

Para o interior do Estado, sob o ponto de vista arqueológico, as datações mais antigas realizadas com material da Calha do Alto Paraná apontam para uma ocupação Guarani por volta do século V, seguindo até o século XVIII com o contato europeu; povos portadores de cultura diversa, com conhecimento da cerâmica e da agricultura (Martins, Kashimoto et Tatumi, 1999; Kashimoto, 1997).

É certo, porém, que as datações arqueológicas associadas aos elementos materiais da cultura Guarani mostram que este povo já estava instalado nas bacias do Paranapanema desde 2.000 A.P. (Morais (2000). *“E, desde as datas mais antigas até as mais recentes, nota-se uma continuidade em cada uma destas áreas que só foi interrompida com a presença européia a partir dos séculos XVI e XVII”* (Noelli, 2000:259). Como, também, apontam as datações já realizadas na calha do Alto Paraná.

## **TECNOLOGIA DO TRABALHO ARQUEOLÓGICO**

Pelos dados levantados em relatórios técnicos das pesquisas de campo do PAPPSP foram registrados 211 locais arqueológicos na calha do Alto Paraná, margem de São Paulo, sendo 97 sítios arqueológicos e 114 ocorrências arqueológicas. Todos a céu aberto.

As intervenções nos sítios arqueológicos demarcados seguiram procedimentos habituais, a saber: escavações em sítios escolhidos previamente e no restante dos locais arqueológicos (sítios e ocorrências), foram realizadas prospecções, coletas sistemáticas de superfície, cortes de verificação e sondagens, perfis estratigráficos, caracterização da área, registros fotográficos e filmográficos.

Com a finalização das escavações os sítios escavados corresponderam a 20% do total geral de sítios registrados, conforme acordos estabelecidos em contrato firmado pelo convênio CESP/FUNDACTE/FCT-UNESP (Künzli, 1997).

Todos os sítios foram denominados com nomes de pássaros típicos da região, com exceção daqueles sítios que já eram conhecidos anteriormente, porém que faziam parte do âmbito do Projeto Arqueológico Décimo Região (Künzli, 1987), sendo incorporados ao PAPPSP por estarem na área de abrangência.

Do montante de sítios arqueológicos levantados com o PAPPSP priorizou-se para descrição um sítio diretamente ligado à ocupação de populações que desenvolveram uma produção tecno-cultural associada, principalmente, ao trabalho com o barro, ou seja, um sítio arqueológico lito-cerâmico, pois é a cerâmica o elemento arqueológico guia que norteou o eixo da problemática trabalhada na pesquisa.

## O SÍTIO ARQUEOLÓGICO NO CONTEXTO DA PESQUISA

Ao tratarmos de questões referentes ao sítio arqueológico vemos que o mesmo é a fonte primeira e de maior importância na pesquisa e no seu planejamento. É a menor unidade de espaço com a qual lida o arqueólogo, podendo ser definido, ainda, como o lugar onde se encontram restos da cultura passada. O termo sítio, de acordo com sua função, pode ser definido também como cemitério, acampamento, habitação e oficina (Eble, 1992). Nesse sentido, não pode ser entendido apenas como um fim das pesquisas, mas sim, como um elemento para a compreensão do desenvolvimento humano, bem como, para futuras interpretações contextuais.

Portanto, o sítio arqueológico

é o resultado de uma ou mais intervenções em um determinado espaço por uma população no passado. Esse espaço pode ser um abrigo sob rocha, o topo de uma colina, uma planície aluvial, uma praia, etc. As formas e o tempo da intervenção variavam: uma cidade, uma aldeia habitada por vários anos, um acampamento de caça ocupado por algumas horas, um cemitério, um santuário visitado durante décadas por sucessivas gerações... Como resultado dessas operações ficam os restos materiais ou as evidências indiretas das atividades ali realizadas: fragmentos cerâmicos, lascas de pedra, lâminas de machado, pontas de projétil, conchas, restos de plantas, ossos, carvões, manchas escuras de fundos de cabanas, etc. Depois de abandonados, esses objetos sofrem a ação de agentes naturais e humanos - enxurradas, buracos de tatu, cupinzeiros, raízes, a abertura de uma estrada - que em alguns casos modificam sua distribuição original de deposição (Neves, 1995:173).

Sem fazer distinção entre fragmentos materiais e populações indígenas, a Arqueologia deve trabalhar com a perspectiva de entender o todo possível do universo de uma determinada produção cultural humana. Na opinião de Moraes (2000), "*A Arqueologia não deve, simplesmente, preocupar-se com a organização e o agrupamento de cacos* (202). Para este autor, "*jamais deveria haver preocupação no sentido de separar o que arqueológico daquilo que é etnográfico, dando a impressão de que a Arqueologia é a especialidade dos cacos e Etnologia, dos índios*" (Moraes, 2000:207).

O sítio arqueológico Sanhaço<sup>6</sup>, abreviação SHÇ, escolhido para o estudo de caso, localiza-se no município de Teodoro Sampaio (SP), fazenda Santa Rosa, margem esquerda da calha do Alto Paraná, numa vertente com baixa declividade. Apresenta coordenadas UTM 0345791 leste e 7540294 norte. Está a 70m de distância da margem do rio principal, em uma confluência com o córrego Areia Branca onde se pode perceber o afloramento do arenito da formação Caiuá nas partes mais baixas, próximas ao rio.

---

<sup>6</sup> Como já mencionado todos os sítios arqueológicos do PAPPSP foram registrados com nomes de pássaros da região, com exceção daqueles sítios que já eram conhecidos anteriormente.

Este sítio, pelos critérios adotados em pesquisas sistemáticas na região<sup>7</sup>, foi classificado como lito-cerâmico de interior e a céu aberto, associado às populações agricultoras de floresta<sup>8</sup>.

Esse tipo de ocupação, segundo Kashimoto (1997), tem configurações típicas de aldeias em terraços estruturais, alçados em mais de 20m sobre o rio Paraná e que se localizam, com destaque, em suas margens.

Adotando as “*classes de conservação de sítios arqueológicos*”, elaboradas por Morais (1997), o sítio arqueológico Sanhaço foi considerado como sendo um sítio razoavelmente conservado (classe C).

A área do sítio apresentou alterações antrópicas oriundas de trabalhos com arado para o plantio, principalmente por se encontrar inserido em um local onde se constata plantação de capim para pasto de gado. Além deste dado, pode-se observar vestígios de antiga floresta, denotando desmatamento e vestígios de inúmeras queimadas. Apresenta, também, alteração natural, como sulcos erosivos provocados pelas águas das chuvas, onde aflora o material arqueológico.

Nas proximidades deste sítio encontram-se, a jusante, o sítio arqueológico Corruíra (CRA) a 3,6km e, a montante, o sítio Coleirinha (CLH), a 1km.

O sítio Sanhaço possui uma área de 160x190m (30.400m<sup>2</sup>), apresentando fragmentos de cerâmica, líticos lascados, polidos e vestígios orgânicos em superfície e em profundidade. Esta delimitação foi estabelecida a partir da distribuição do material em superfície e do resultado do mapeamento da área de intervenção arqueológica.

A cerâmica constituiu-se como o principal vestígio material encontrado neste sítio arqueológico. Do montante geral 82 formas de vasilhames puderam ser reconstituídas. Cada forma foi subdividida em diferentes tipos para facilitar a classificação. Predominaram os vasos profundos (42,6% com capacidade acima de 20 litros) com 25 tipos; seguidos pelas tigelas fundas (26,8% entre 4,1 a 20 litros) com 12 tipos; pratos ou assadores (17,1% até 1 litro) com 4 tipos e, por último, as tigelas rasas (13,5% de 1,1 a 4 litros) com 6 tipos.

A técnica de manufatura predominante foi o acordelado (roletes) com antiplástico produzido com caco moído ou em conjunto com mineral, tendo paredes apresentando espessura média (entre 0,71 e 1,11cm). A queima principal apresentou uma seção transversal sem a presença de núcleos, com cor uniforme variando do cinza-escuro ao preto. A maior frequência de peças apresentou, em sua decoração externa, o estilo corrugado (21,4%) e unglado (16,5%), seguido de peças sem nenhuma decoração (lisas), com 36,6% do montante total.

Observa-se que os líticos lascados, associados à produção de cerâmica, representam parcela significativa do montante geral dos vestígios arqueológicos coletados. De maneira geral, predominam as lascas (54,5%) e os resíduos de lascas (28,3%), sem marcas de retoques ou de uso. A matéria prima predominante foi o quartzo (43,3%), seguido do sílex (34,3%). Apenas um artefato polido foi coletado. Trata-se de um calibrador utilizado para o desgaste de outro objeto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão apresentada procurou percorrer um caminho ligado à formulação teórica no qual o objeto de análise pudesse ser evidenciado em seu contexto.

Por meio da investigação desenvolvida pode-se perceber que no ambiente da calha do alto Paraná às ocupações pretéritas corresponderam a características culturais de grupos agricultores Guaranis, cujas aldeias localizadas em terraços estruturais seriam

<sup>7</sup> Principalmente o Projeto Paranapanema (PROJPAR), coordenado pelo Prof. Dr. José Luiz de Morais.

<sup>8</sup> Mais especificamente ligados à ocupação das populações Guaranis.

associadas à presença de ocupações em elevações topográficas dos terraços fluviais, corroborando com os estudos em andamento na área, e cujo sistema organizacional estaria associado às famílias extensas em uma estrutura em rede.

Utilizando-se de dados etnográficos, principalmente oriundos de pesquisas bibliográficas, considerados como norteadores dos estudos, foi possível observar aspectos da dinâmica cultural presentes na sociedade Guarani e aplicá-los à análise tipológica na busca de uma abordagem arqueológica que privilegiasse os atores sociais da produção material em seu contexto estudado, em que os dados empíricos da análise intra-sítio não foram concebidos como um fim em si mesmo.

Nessa abordagem a busca de sugestões para a resolução de alguns problemas arqueológicos, principalmente no que diz respeito à continuidade cultural da região pesquisada, proporcionou um exercício de compreensão dos fenômenos sociais pretéritos.

Os vestígios materiais do sítio arqueológico Sanhaço, principalmente os fragmentos cerâmicos analisados, em associação com as datações realizadas pelo método de Termoluminescência, apontaram para a visualização de um cenário da ocupação ameríndia que se estende por toda a região. Esse panorama fortalece a afirmação de um sistema regional da ocupação Guarani, já que os elementos apresentados formam um conjunto de traços diagnósticos importantes para a compreensão do registro arqueológico das aldeias indígenas. Portanto, os vestígios arqueológicos passam a ser importantes documentos para o estudo da história indígena (Neves, 1995).

Assim sendo, dois são os pontos a serem salientados. No primeiro, partindo de uma visão de sintonia contextual fundamentada no pensamento de Robrahn-González (1996) para a problemática ocupacional dos grupos ceramistas, percebe-se que, embora inicialmente esses grupos tenham apresentado padrões culturais distintos e mantido territórios quase exclusivos de ocupação, os contatos extraculturais eram frequentes ainda que sua natureza possa ter variado de forma significativa. Com o passar do tempo estes contatos teriam ocorrido com maior intensidade e por meio de estímulos diversos, motivando processos de mudança cultural como possíveis fusões intergrupais, emergência de novas unidades culturais ou até confirmando a manutenção de determinados núcleos originais.

Os últimos séculos antes da conquista européia (e também o próprio período de conquistas) se caracterizaram por um período de intensas transformações culturais, resultando no surgimento de uma série de variações regionais que passaram a constituir o padrão arqueológico regional, formando a grande densidade e diversidade de grupos etnograficamente conhecidos (Robrahn-González, 1996).

O segundo ponto é que ao abranger comunidades locais tem-se uma ampla compreensão dos mecanismos de sua reprodução e de sua dinâmica interna, o que viabiliza o encaminhamento de questões relativas as “*continuidades ou às mudanças das sociedades estudadas*” (Wüst et Carvalho, 1996).

Cabe ressaltar ainda que é de fundamental importância a comparação com outros contextos habitacionais, definidos pelas aldeias, pois com o contraste dos conjuntos de vestígios desta ordem ampliam-se às articulações entre os padrões de assentamentos, possibilitando assim importantes implicações na compreensão dos dados levantados além de estruturar futuras investigações arqueológicas.

Nesse sentido, faz-se necessário lembrarmos que para interpretar de maneira adequada a relação entre a sociedade e seu objeto de trabalho é fundamental a consideração da mesma como um processo histórico em que o relevante não é a unidade mecânica dos homens viventes com suas condições naturais, inorgânicas, de seu intercâmbio de materiais com a natureza, mas sim o divórcio entre essas condições

naturais e a existência humana, separação que vai acontecendo efetivamente na medida em que vai se desenvolvendo as condições da produção material (Sanoja, 1988).

Sabemos que cada classe de materiais não tem obrigatoriamente um sentido único. E este sentido quando analisado dentro de diferentes contextos pode ter outras significações para a análise dos processos de trabalho e das formas de relações sociais que caracterizam as manifestações dos modos de vida e dos modos de produção que estão presentes na maneira como o grupo social consome o espaço no qual vive.

Muitas crônicas e narrativas dos viajantes anularam as particularidades dos povos indígenas, impondo-lhes novos atributos que se concretizaram na conquista do continente.

A imagem das populações indígenas foi sendo construída a partir da realidade americana e da cultura européia, segundo os interesses dos colonizadores, ao sabor das disputas pelo controle da nova terra. Estes invasores pouco se preocuparam em abarcar a complexidade cultural dos povos indígenas do além-mar. Observando o cotidiano indígena selecionaram determinadas informações e relacionaram-nas ao universo cultural europeu. Os rituais e o canibalismo, os comportamentos sexuais e estéticos, as variações de trabalho e as superstições ganharam conotações estranhas à tradição indígena, recebendo uma nova racionalidade (Raminelli, 1996).

O impacto da conquista européia sobre as populações nativas do continente americano foi imenso. É certo que milhares de pessoas morreram por causa do contato direto e indireto com os europeus e as doenças por eles trazidas.

De devoradores dos inimigos pelo ritual antropofágico esses povos indígenas foram devorados e destruídos nas guerras de conquistas dos colonizadores, em suas bandeiras e em suas missões.

Em menos de dois séculos os numerosos Tupi-Guaranis foram varridos do território brasileiro. Aqueles que não morreram pela violência, pelas epidemias ou pela fome fugiram para outras regiões.

De qualquer forma, porém, os Guaranis conseguiram resguardar a sua própria memória. Mortos, ascenderam à imortalidade da lembrança. Hoje, mais de cinco séculos depois, e apesar de tudo, vários grupos insistem em continuar vivendo e afirmando, de modo dinâmico, seu modo de ser e sua diversidade cultural.

Nesse sentido, os estudos arqueológicos desenvolvidos no Estado de São Paulo - embora recobrando vários sítios em exploração - ainda dependem de muita pesquisa para conseguir estabelecer um quadro mais claro que determine as condições das populações ameríndias e suas migrações no Estado, pois ainda pouco se conhece sobre esses grupos pré-cabralinos que ocuparam o interior paulista. Somando-se informações sociais às espaciais acumuladas com as pesquisas, poderemos dispor de um arcabouço substancial que viabilize o estudo e a interpretação das áreas de atividades e sociabilidades humanas presentes nos registros arqueológicos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARAÚJO, A.G. de M.

1995 *Levantamento arqueológico da área Alto Taquari, Estado de São Paulo, com ênfase na abordagem dos sítios líticos*. São Paulo: USP, 1995. Dissertação (Mestrado), FFLCH/MAE/USP.

BROCHADO J.P.

1989 A expansão dos Tupi e a cerâmica da tradição Policrômica amazônica. *Dédalo*, São Paulo, USP, n.º 27.

- EBLE, A. B.  
1992 Considerações sobre o Sítio Arqueológico, *Museu de Antropologia*, Florianópolis, UFSC,.
- FUNARI, P. P. A.  
1988 *Arqueologia*. Série Princípios. São Paulo: Ed. Ática,.
- KASHIMOTO, E. M.  
1997 *Variáveis Ambientais e Arqueologia no Alto Paraná*. São Paulo: USP, Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo,.
- KERN, A.A.  
1994 Os Guaranis: horticultores da floresta subtropical. In: *Antecedentes Indígenas*. Rio Grande do Sul: Ed. Da Universidade, UFRS,.
- KÜNZLI, R.  
1987 Arqueologia regional: primeiros resultados das pesquisas realizadas na área de Presidente Prudente. *Revista do Museu Paulista*, SP, Museu Paulista/USP, v. 32, n. 5.
- MAESTRI, M.  
1994 *Os senhores do litoral - conquista portuguesa e agonia Tupinambá no litoral brasileiro (Séc. XVI)*. Porto Alegre: Ed. UFRS,.
- MARTINS, G. R.  
1992 *Breve painel Etno-histórico do Mato Grosso do Sul*. Mato Grosso do Sul, UFMS/FNDE,
- MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M.  
S.d. *Arqueologia Guarani no Alto Paraná, Estado de MS*, Mato Grosso do Sul, (não publicado).  
1995 *Relatório Geral da etapa de levantamento do Projeto Arqueológico Porto Primavera, MS*, FAPEC/FUFMS, MS,.
- MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M.; TATUMI, S. H.  
1999 Datações arqueológicas em Mato Grosso do Sul. In: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia/USP*, nº. 9, SP.
- MORAIS, J. L.  
2000 Arqueologia da região Sudeste. *Revista da USP*, São Paulo, n. 44,.  
1997 *Projeto Paranapanema: resgate do patrimônio arqueológico do complexo Canoas, margem paulista – Plano de trabalho da Segunda etapa*. São Paulo: MAE/USP, SP, (não publicado).
- NEVES, E.G.  
1995 Os índios antes de Cabral: arqueologia e história indígena no Brasil. In: Silva, A.L.; Grupioni, L.D.B. *A Temática Indígena na Escola*. Distrito Federal: MEC/MARI/UNESCO, P. 171-192.
- NOELLI, F.S.  
2000 A ocupação humana na região Sul do Brasil: Arqueologia, debates e perspectivas 1872-2000. *Revista da USP*, São Paulo, n. 44,.  
1993 *Sem Tekohá não há Tekó* (Em busca de um modelo Etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do rio Jacuí-RS), Porto Alegre: PUC, 1993. Dissertação (Mestrado) - PUC-RS, vol. 1,.
- NOELLI, F.S. DIAS A. S.  
1995 Complementos históricos ao estudo funcional da indústria lítica Guarani. *Revista do CEPA*, 19(22), Rio Grande do Sul,.

- PALLESTRINI, L.  
 1984 Sítio Arqueológico da Lagoa São Paulo. *Revista de Pré-História*, São Paulo, IPH/USP, v. VI,.
- PROUS, A.  
 1999 Arqueologia, pré-história e história. In: *Pré-história da Terra Brasilis*. Tenório, M. C. (org.), Rio de Janeiro: Editora UFRJ,.  
 1992 *Arqueologia brasileira*. Distrito Federal: Ed. UnB,.
- RAMINELLI, R.  
 1996 *Imagens da colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Zahar.
- ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M.  
 S.d. *São Paulo, terra de fronteiras: a ocupação de grupos ceramistas pré-coloniais*. São Paulo: MAE, (não publicado).  
 2000 Problemática arqueológica da ocupação de grupos ceramistas no Vale do Paranapanema. *Terra Indígena*, SP, CEIMAM/UNESP, ano XV, nº. 81.  
 1996 Os grupos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 6, p. 83-121,.  
 1989 *A ocupação pré-colonial do Vale do Ribeira de Iguape, SP: os grupos ceramistas do médio curso*. São Paulo: USP, 1989. Dissertação de mestrado - FFLCH/USP.
- RODRIGUES, R.A.  
 2001 *Cenários da ocupação guarani na calha do Alto Paraná: um estudo etnoarqueológico*. São Paulo, FFLCH/USP, Dissertação de Mestrado,.
- SANOJA, Mario.  
 1988 La inferencia en la arqueología social, In: FONSECA (ED.), *Hacia una Arqueologia Social*, Ed. Universidad de Costa Rica, p. 132-143.
- SCATAMACCHIA, M.C.M., MOSCOSO, F.  
 1989 Análise do padrão de estabelecimento Tupi-Guarani: fontes etno-históricas e arqueológicas. *Revista de Antropologia*, SP, USP, v. 30/31/32.
- WÜST, I. et CARVALHO, H.B.  
 1996 Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro: a análise do sítio Guará 1 (GO-NI-100). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 6, p. 47-81.